

GUILLERMO CABRERA INFANTE

# Corpos divinos

*Tradução*

Josely Vianna Baptista



Copyright © 2010 by Herdeiros de Guillermo Cabrera Infante  
Todos os direitos reservados.

*Graça atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Cuerpos divinos

*Capa*  
Raul Loureiro

*Foto de capa*  
Rene Burri/ Magnum Photos/ Latinstock

*Preparação*  
Silvia Massimini Felix

*Revisão*  
Huendel Viana  
Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Cabrera Infante, Guillermo, 1929-2005.  
Corpos divinos / Guillermo Cabrera Infante ; tradução Josely  
Vianna Baptista — 1<sup>a</sup>ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Título original: Cuerpos divinos  
ISBN 978-85-359-2676-7

1. Ficção cubana I. Título.

---

15-11179 CDD-cb863.4  
Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção : Literatura cubana cb863.4

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORARIA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
www.companhiadasletras.com.br  
www.blogdacompanhia.com.br

# Primeira parte

*Fit as a fiddle*, que é exatamente o oposto de pronto para a festa. *Fit as a fiddle*, que é vivo como um violino e não violento como um violão. *Fit as a fiddle and ready for love, riddle for love* que é *vole, volé* (ve olé), *randy for love and feet as two fiddles* musicais, e o destino se fez desatino porque o fado é pior em organizar as coisas do que a sorte, que se ordena melhor do que uma frase, *Fit as a pit*. Ia cantando em bom andamento e não estava sozinho, mas com Raudol ao lado, cantando agora para a loira quando a olhei ainda sem tê-la visto, meu órgão sem registro tocando sonatas Wurlitzer antes da função começar, *organ in the pit*, piano no poço, no fosso com toda aquela luz de giz em cima, ao lado, defronte, violenta sem se tornar violeta pelo menos por algumas horas.

Foi então que eu a vi sem tê-la olhado, sem realmente tê-la olhado, sem sequer dirigir meu olhar para ela, e vi que era loira, loira de verdade, embora parecesse pequena, mas mesmo sem medi-la soube que era feita sob medida para mim. O que ela procurava? Decerto não era eu, porque segurava um papel, um

papelzinho, como um bilhete suave, e olhava para cada porta, cada fachada, cada frontão daquele edifício, e me ofereci para salvá-la de seu extravio, aquela menina na selva de concreto em busca, talvez, do absoluto relativo aos dois.

Há momentos na vida — sei disso — em que a alma está vazia, o coração amargurado, e nenhum desses clichês consegue demonstrar aquele estado de espírito que uma canção americana define como *I'm ready for love*: pronto para o amor seria a tradução, mas serve apenas para mostrar alguém que tem o espírito e o corpo (não dá para esquecer o corpo) abertos para o amor. Eu conheço esse estado particular e sei que quem procura acha. Assim, não estranhei tê-la encontrado, nem o amor que ela despertou em mim: o que mais estranhei foi a facilidade com que poderia não tê-la encontrado ou como foi fácil o encontro.

Acho que a vi primeiro. Talvez Raudol tenha me cutucado para chamar minha atenção. Tínhamos acabado de lanchar e de fazer um duo de don Juans de araque no café que fica embaixo do cine La Rampa. Saímos pela passagem que sobe e entra no cinema e dá na rua 23, e pelo desvio (por que não fomos diretamente para a rua?), atravessando aquele corredor cheio de fotos de estrelas de cinema com um frio de ar-condicionado e um bafio de cinema, que é (juntamente com os eflúvios da gasolina, o cheiro do carvão incandescente e o aroma da tinta de impressão) um de meus odores preferidos, essa manobra casual pode chamar-se de destino. Só consigo me lembrar de seus olhos me observando com estranheza, ela sempre divertida, sem dar ouvidos para os meus galanteios, me perguntando alguma coisa e eu percebendo que ela procurava algo que nunca havia perdido, me pedindo um endereço. E eu dei, encontrei-o e dei a ela. Ela sorriu para mim ou aquilo foi só um trejeito zombeteiro? Ou ela de fato agradeceu por eu ter procurado, quase inventado os números da rua? Por pouco fico sem saber para sempre.

Raudol dirigiu seu Chrysler a noventa por hora pela Infanta, e ao chegar à Carlos III emparelhou com um Thunderbird cor-de-rosa e tocou a buzina. A mulher que estava dentro do carro olhou, sorriu e disse alguma coisa. Raudol fez-lhe um sinal para que virasse à direita e parasse. Estacionamos logo atrás. Ele saiu e começou a falar. Deviam estar conversando havia uns dez, quinze minutos, talvez até menos de três, mas eu já estava me cansando. Pelo menos ele deixou o motor ligado e o ar-condicionado mantinha fresco o interior do carro, ainda que lá fora o sol de junho, ao se pôr, acendesse as copas dos flamboyants e as flores vermelhas fossem outro incêndio vegetal sobre os galhos. Ele ainda ria quando voltou, depois de apertar o braço róseo que sobressaía como se fosse um acessório do carro. Levantou a antena. Deslizou a mão pela haste de metal e parou um dedo na ponta. Para esperar o 26, gritou para o outro carro, ou para o braço, que fez um gesto que em cubano quer dizer “Rapaz... você é de morte”. Entrou no carro e arrancou tocando — e a palavra é esta, pois eu ouvi as sete, talvez as oito primeiras notas de “La comparsa”, uma por uma — a buzina. Fez a volta dobrando em U a toda a velocidade diante do semáforo, e ao passar pelo policial cumprimentou-o com um aceno de mão e talvez com o letreiro de IMPRENSA no para-brisa dianteiro e no de trás.

— Você viu?

— O quê?

— O que eu gritei sobre o 26 ali na esquina, apesar do guarda.

— Não estou entendendo.

— O rádio, rapaz.

Eu não entendia. O rádio estava ligado, como sempre, e agora o locutor lembrava, com voz sedosa, depois de transmitir um disco popular de cujo nome não posso lembrar: dedique-nos um botão no rádio de seu carro, senhor motorista, por favor.

— Não estou entendendo.

— A antena, menino, a antena. Pra pegar a Sierra, meu velho.

— Que bom.

Lá estava Ramón Raudol, vestindo camiseta polo de cor creme, calça de um bege suave e mocassim castanho-escuro, sempre bem penteado, sempre usando, de dia, uns óculos Calobar verde-garrafa, sempre com um Rolex: sempre elegante e sempre esportivo e sempre vistoso. Veio da Europa por caminhos tortuosos. Era espanhol e saiu fugido da Espanha, de Madri, não sei por quê, mas ele sempre disse que foi por motivos políticos. Contava que da Espanha foi para a França e não sei como apareceu nos julgamentos de Nuremberg como membro da MP.\* Como ele deixou o palco sobre o qual se montava o crepúsculo dos deuses no banco dos réus e veio para Cuba, é uma coisa que só um computador IBM poderia destrinchar: o método de uma meada concêntrica de mitos, mentiras e meias verdades. Um dia, de brincadeira, Darío Milián pegou lápis e papel, anotou uma a uma as aventuras contadas e somou. Raudol devia ser uns dois anos mais velho do que eu, talvez três, mas o total de suas proezas dava sessenta anos e o transformava num Dorian Gray errante, que deixava a marca dos anos impressa em suas façanhas, enquanto ele permanecia eternamente jovem, numa encarnação da ideia platônica do Herói. Muitas de suas histórias, todavia, eram verdadeiras, e nelas se misturavam heroísmo e ridículo em partes iguais. Ele era o protegido do diretor da revista, que fora aluno de seu pai em Madri. Acho que seu pai havia sido um notável cientista espanhol — embora Unamuno tenha dito que há uma *contradictio in adjecto* nos termos. Raudol não herdou o amor pela ciência, e sim um ódio pelo exato, que pode ser

\* Military Police. (N.T.)

ou não ser seu contrário. Seis meses atrás, estivera preso por cerca de dois meses. A história toda é muito nebulosa e pela primeira vez Ramón não foi explícito. Dizem que flagrou em seu apartamento um conhecido galã de televisão exercendo *ex cathedra* seu glamour com a mulher de Raudol, que também era estrela da televisão e do rádio, um encanto de moça, falava arrulhando muito antes de Marilyn Monroe ficar famosa e era dona de uma beleza exuberante, e fazia com seu vestido o que a vegetação tropical da ilha faz com a paisagem, transbordando-a. Nunca acreditei nessa história, mas é a única que existe. O fato é que o ator tinha como padrinho (as mesmas vozes que o situavam no apartamento de Raudol com a mulher deste o descrevem em seu estúdio de solteiro, sentado aos pés de seu protetor, que lhe acaricia a cabeleira fotogênica enquanto ouvem a gravação do programa no qual o galã é o herói romântico de mulheres que se chamam Laura de Montesinos, Julieta Montemayor ou Virginia de Alvear) um poderoso magnata, e de repente apareceram pistolas na história e a polícia apreendeu a arma como sendo de Raudol. Ele foi automaticamente enquadrado entre os infratores da Lei contra o Gangsterismo, uma lei feita para que ninguém que não fosse gângster tivesse porte de arma. Fez papel de ridículo, e acho que pela primeira vez admitiu isso. Quando se deu o assalto ao quartel de Matanzas (que foi, justamente, outra matança, para encerrar o ciclo dos avatares de um nome: a cidade ganhou essa denominação para celebrar uma injustificável mortandade de índios cometida nos primeiros tempos da colonização), ele compareceu como fotógrafo, pois entre suas habilidades contavam-se não só a que o tornou crítico de cinema em seis meses, o que não é difícil, mas também as que o tornaram um grande repórter, escritor mediano e bom fotógrafo em menos tempo do que levou para aprender a falar *cervesa, grasia e cabayeros* — e seu sotaque era sempre criticado, como arrivismo

linguístico, pelo diretor da revista. Raudol fez fotos muito boas, entre as quais destaco duas — uma delas a de um rapaz assustado, ferido, caído no chão com as mãos amarradas, e outra a do pátio do quartel, onde os corpos de doze rebeldes mortos rodeavam o caminhão utilizado no ataque. Um capitão do quartel liquidou o rapaz ferido, jogou-o junto com os outros doze mortos e tiraram novas fotos. Alguém percebeu que Raudol fizera fotos antes e depois disso e então lhe pediram o filme, mas Raudol, que pertencia à Associação de Prestidigitadores de Cuba, tirou o rolo que era e num passe de mágica o transformou no rolo que não era, daí puxou o filme em toda a sua extensão e o expôs à luz, velando-o. Depois o entregou ao coronel da tropa, que tinha nome de mulher e cuja crueldade estava além da mulher e do homem, porque não era humana — e Ramón sabia disso, todos nós sabíamos. Algumas dessas fotos, por um ato de prestidigitação jornalística, apareceram na *Life* com o título THE MISTERY OF THE THIRTEENTH CORPSE, ou seja, o mistério do cadáver número treze foi revelado ali, e armou-se um escândalo político. Ramón teve que se esconder por duas ou três semanas, mas depois de passados dois anos ele tinha um automóvel novo, grande, com ar-condicionado, e quando saímos era sempre ele que pagava a conta. Mas isso não era tudo. Ramón era tão falso e tão verdadeiro quanto seu sotaque, que podia ser o de um espanhol querendo se passar por cubano e também o de um cubano fingindo ser espanhol, e que nele se tornava autêntico, necessário e díctil. Além do mais, seu sucesso com as mulheres, com o dinheiro, com a vida me deixava fascinado.

— Pego ela toda noite.

— É mesmo?

— Pega clarinha, clarinha. Nem preciso mais ir pra estrada, pra Guanabo, pra Cantarranas ou pro Cotorro, no caminho já consigo escutar. Às vezes paramos o carro e ficamos ouvindo

tranquilamente, e como sempre eu vou com algum brotinho, posso fingir que estou de *arrumacos*.\*

Às vezes ele deixava cair na conversa um termo espanhol que nos pegava de surpresa, fazia com que perdêssemos o embalo e oscilássemos entre a noção de estar diante de um estrangeiro acrioulado ou de um pedante nativo, mas no fim aceitávamos sua forma de falar como um estilo.

Chegamos à revista, ele me deixou nos fundos e arrancou novamente.

— Vou até o *noticiero*.

Aprendera a falar *noticiero* em lugar de noticiário. Não o vi sair e cumprimentei o segurança que estava na porta, mas em vez de entrar dei meia-volta e peguei um táxi na esquina.

— E aí?

— Pra onde?

— Infanta com Malecón.

— Como vão as coisas?

— Como sempre.

— Notícias da Sierra?

— Não sei nada sobre isso. Me pergunte sobre cinema, sobre os filmes que estão passando ou sobre que artista se casou com quem e eu te digo na hora.

Era o motorista que ficava sempre na esquina. Diziam que era delator, dedo-duro remunerado ou um informante do Ventura, sei lá. Para mim ele sempre pareceu um prodígio sexual — pelo menos em suas histórias. Um dia me contou que morava com uma mulher meio bronca, mas gostosa, cuja filha era uma uva, e que estava dormindo com as duas. Primeiro a mulher, a mãe, ficou furiosa e pôs a boca no mundo quando flagrou os dois em sua própria cama, e

\* Namorico, chamego. (N. T.)

quis bater na filha, mas ele disse, ora, Cabrona, pois se foi você mesma que a ensinou, e a botou para fora de casa. De madrugada, a mulher veio e pediu que ele a deixasse dormir em seu quarto, porque, caso contrário, teria que dormir no parque. Agora a coisa tinha se ajeitado, mas ele estava vendo como fazer para dormir com as duas ao mesmo tempo — e vamos ver se a gente consegue que elas façam suas coisinhas e tudo o mais, embora isso seja mais difícil. Tinha a cara bronzeada, de ficar o dia inteiro sentado ao volante com o sol na cabeça, e talvez tivesse sido loiro quando menino. Com os olhos sempre vermelhos, irritados, e com o perpétuo charuto na boca, parecia um peixe sem nome mordendo uma isca eterna. Nós o chamávamos de Desade.

— Dá uma olhada naquilo ali, garoto.

Tirou a cabeça para fora do carro a fim de olhar uma mulata grande e gorda que Rubens teria acrescentado aos seus estudos de negros.

— Muito boa, você aí, muito boa.

Eu não disse nada e aproveitei para pagar a corrida.

— Deixa isso pra depois.

Sempre tentava receber depois, e vivia adiando a ocasião. Acho que ele queria que eu ficasse lhe devendo, se não um favor, ao menos dinheiro. Insisti, porque só andar no carro dele já podia parecer muita cumplicidade. E eu também queria descer rápido e se não pagasse teria que me despedir com um até logo amável e demorado, e com algum íntimo postscriptum: tomar um café ali na esquina, olhar juntos outra mulher.

— Aqui nessa esquina.

— Mas não é o Malecón com a Infanta.

— Aqui está bom.

— Compadre, você sempre apressado.

Desci e corri até o ônibus que chegava à esquina, pois eu a vira.